

## ALÉM DOS LIVROS DIDÁTICOS: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR COM ESTUDANTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Diego da Silva<sup>1</sup>  
Regina Maria Machado<sup>2</sup>  
Evandinei Dal Molin<sup>3</sup>  
Larissa Beghetto<sup>4</sup>  
Michele Henrique Rodrigues<sup>5</sup>

**RESUMO:** O artigo a seguir, tem por objetivo realizar observação de todo contexto educacional voltado ao aluno de inclusão especificadamente busca verificar e/ou identificar diferentes tipos de transtornos do desenvolvimento durante a vivência em campo de estágio e analisar as atividades, políticas, estruturas e todos os aspectos capazes de promover inclusão do aluno com transtorno. O processo metodológico utilizado trata-se da observação participante, as atividades foram desenvolvidas em três etapas específicas, sendo a primeira dela a observação, a segunda a realização de reuniões entre os sujeitos da pesquisa (estagiários) e a terceira etapa sendo a confecção do relatório de estágio. O estágio curricular supervisionado trouxe aos estudantes de psicologia uma experiência enriquecedora e imensamente transformadora, não apenas para os estagiários, mas também para a instituição de ensino que acolheu e compreendeu a necessidade auxiliar no processo de formação de novos profissionais. Ao promover uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais e a inclusão dos alunos com TEA, o estágio e o trabalho dos envolvidos contribuiu para o aprimoramento da formação profissional em Psicologia e claro, para o fortalecimento de uma cultura mais inclusiva e respeitosa, vale ressaltar que a valorização da diversidade e o compromisso com a equidade devem ser os princípios de uma educação verdadeiramente humanizada.

6464

**Palavras-chave:** Psicologia Escolar. Estágio. Educação.

<sup>1</sup> Docente de psicologia na UNIENSINO.

<sup>2</sup> Docente de psicologia na UNIENSINO.

<sup>3</sup> Discente de psicologia na UNIENSINO.

<sup>4</sup> Discente de psicologia na UNIENSINO.

<sup>5</sup> Discente de psicologia na UNIENSINO.

## 1 INTRODUÇÃO

A realização de estágios curriculares supervisionados em Psicologia tem por objetivo principal a formação profissional, integrando teoria a prática através das experiências em diversas situações vivenciadas em campo de estágio na área da educação, também denominada Psicologia Escolar que leva em consideração as legislações específicas do psicólogo, culminando assim na união entre Psicologia e Educação.

Como diz Bock (2006), a psicologia pode contribuir concretamente na tarefa de entender a totalidade complexa do trabalho em educação, pois consegue compreender os preceitos da desigualdade social e suas diferenças individuais, favorecendo os indivíduos a adaptação na sociedade que também é um dos pilares da educação.

Segundo Facci (2008) é importante destacar que só faz sentido o trabalho do psicólogo na escola e esse tiver consciência da colaboração da função escolar, que é levar o aluno ao conhecimento, ou seja, o psicólogo deve saber lidar com o sofrimento daquele que não consegue aprender, assim como auxiliar ao educador/professor como se dá o processo de aprendizagem para o aluno, qual a relação entre desenvolvimento e aprendizagem.

Especificamente os objetivos do estágio supervisionado é não apenas observar, mas compreender e internalizar novos saberes e conhecimentos que possam auxiliar o processo educacional a fim de buscar intervenções psicológicas capazes de atingir a todos, seja os alunos, professores e pais, pois assim complementa Urt:

6465

O desenvolvimento da criança é o processo de apropriação da evolução histórica da humanidade, que se realiza através das trocas estabelecidas com os adultos nas condições de ensino. O desenvolvimento da psique de uma criança é determinado diretamente pela sua própria vida, isto é, pelas condições concretas que possibilitam interações e relações possíveis (URT, 2006).

A psicologia, pouco a pouco, acaba por se instalar nos debates acadêmicos referentes a educação infantil no Brasil, seja na produção acadêmica, seja nas diferentes inserções dos parâmetros pedagógicos estabelecidos e suas necessidades de melhorias (ROCHA, 1999).

Durante a realização do estágio e suas vivências, alguns pontos acerca dos processos educacionais foram levantados, como os parâmetros da educação, as formas de integração e inclusão dos alunos com transtornos do desenvolvimento e tantos outros. Assim a experiência da observação proporcionou novos olhares capazes de promover debates sobre a própria educação.

Este relatório baseia nas vivências realizadas pelos alunos do curso de psicologia da UniEnsino, de Curitiba, em um Centro Educacional Infantil do município, buscando participar, conhecer, compreender e formular hipóteses sobre as vicissitudes da educação frente aos transtornos do desenvolvimento e seus desafios.

Através das observações e relatos, novos plantios foram semeados para o campo que busca integrar cada vez mais a Psicologia e Educação.

Como bem diz Bleger (1984), o ser humano encontra nas mais distintas instituições educacionais, um suporte / apoio, ou seja, um elemento de segurança, seja sua identidade de inserção social ou pertencimento. A partir do ponto de vista psicológico, a instituição contribui inclusive para a personalidade do indivíduo.

Avaliando tais palavras do autor supracitado, é necessário realizar um olhar voltado para a inclusão dentro do ambiente educacional, uma vez que todo indivíduo em fase escolar, depende das relações sociais para o desenvolvimento de sua personalidade e suas características definidoras. Os aspectos que tangem o conceito inclusão deve ser debatidos e inseridos nos contextos não só da psicologia e educação, mas em todo âmbito da sociedade. Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo realizar a observação de todo contexto educacional voltado ao aluno de inclusão a partir de uma experiência de estágio básico em Psicologia Escolar.

6466

## 2 METODOLOGIA

O estágio supervisionado ocorreu no mês de abril de 2024 no Centro Educacional Infantil (CEI), localizado na cidade de Curitiba no estado do Paraná. O processo metodológico utilizado trata-se da observação participante que pode ser descrita como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (MAY, 2001).

Segundo, mesmo autor, May (2001) tal modelo metodológico, diferente de entrevistas, a observação participante permite o pesquisador, neste caso o acadêmico em campo de estágio, vivenciar pessoalmente o evento a ser analisado e melhora entendê-lo, interpretando através da observação direta frente ao objetivo. Vale ressaltar que a observação participante não significa intervenções, mesmo que o pesquisador esteja compondo o ambiente, a depender do hiper foco, ele torna-se um objeto simbólico de inclusão naquele local.

As atividades foram desenvolvidas em três etapas específicas, sendo a primeira dela a observação, a segunda a realização de reuniões entre os sujeitos da pesquisa (estagiários) e a terceira etapa sendo a da confecção do relatório de estágio

Na primeira etapa foram realizados os processos observatórios, sem intervenção, buscando atender aos objetivos geral e específicos do estágio, ou seja, a observação de todo contexto educacional voltado ao aluno de inclusão, os diferentes tipos de transtornos do desenvolvimento durante a vivência em campo de estágio e atividades, políticas, condições estruturais e todos os aspectos capazes de promover inclusão do aluno com transtorno.

A segunda etapa consistiu em reuniões periódicas dos estagiários (autores do relatório) após as conclusões em campo, no qual discutiram amplamente sobre os aspectos observados de dois alunos (conforme “descrição das observações” a seguir), alinhando quais seriam os dados de relevância obtidos através do contato com os mesmos e assim a escolha qualitativa de informações que deveriam receber tratamento e fundamentação, capaz de proporcionar a visão geral e a real dimensão proposta pelo estágio.

Para a terceira etapa seguiu-se com a realização e sistematização dos processos e registros necessários par construção do relatório de estágio, baseado em referencial teórico e suas fundamentações.

### 3 DADOS DA INSTITUIÇÃO

O centro educacional no qual foi realizado o estágio básico supervisionado II, cujo nome será mentido sob sigilo assim como demais informações de cunho identificatório, utilizar-se-á a denominação CENTRO EDUCACIONAL INFANTIL (CEI). O CEI tem sua sede situada na cidade de Curitiba, trata-se de um ambiente escolar proposto para alunos de seu primeiro contato com modelo escolar sendo de zero (o) à 6 (seis) anos de idade, atende hoje aproximadamente 100 (cem) alunos, podendo ampliar sua capacidade e promove o encontro da educação e da relação social indispensável para o desenvolvimento saudável de crianças.

O trabalho da escola, voltado principalmente para crianças, apresenta em seu organograma educacional a evolução das características política pedagógicas hierarquizadas.

Um trabalho eficiente nessa linha teria que partir de uma análise da instituição, levando em conta o meio social no qual se encontra e o tipo de clientela que atende, bem como os vários grupos que a compõem, sua hierarquização, suas relações de poder, passando pela análise da filosofia específica que a norteia, e chegando até a política educacional mais ampla. (ANDALÓ).

Uma de suas diretrizes, apontada pela direção da escola é desenvolvimento de crianças, idealizado por duas “amigas” no ano de 2004, no qual em suas reuniões propunha, o amadurecimento dos objetivos para a abertura do Centro de Educação Infantil.

De acordo com as idealizadoras o CEI pretendia trabalhar em caráter cooperativo junto aos pais para cuidar e educar as crianças de forma efetiva, buscando equilíbrio entre experiências vividas com a família e no CEI.

O CEI, por sua localização em região central na cidade de Curitiba, dispõe de ampla oferta de dispositivos de transporte (ônibus) além de espaço “dirigível” para automóveis e outros meios, sendo de fácil acesso.

Outro aspecto importante observado na instituição são suas adaptações físicas. O CEI foi adaptado para tornar-se uma instituição educacional, uma vez que as disposições de estruturas sempre foram de uma residência familiar, sendo assim reformulada para os moldes necessários para um ambiente seguro e adequado para crianças. Assim, dispõe de várias modificações para o atendimento também da legislação, como: rampas de acesso desde a entrada do centro educacional até adaptação de banheiros, refeitórios e demais.

O CEI dispõe hoje de 6 (seis) salas de aula, sendo esta didaticamente preparadas para o atendimento da primeira infância, ainda dispõe de berçário, salas do soninho (sala esta destinada ao horário de descanso das crianças em seus intervalos), um refeitório amplo, banheiros adaptados, 2 (dois) “parquinhos” comumente chamados assim devido sua característica lúdica, sendo cada um formatado a idade das crianças, além das demais dependências como sala administrativa, sala de professores, entre outros, ressalta-se também o número de profissionais que atendem às necessidades das crianças, como 5 professoras com nível superior, 4 estagiárias (monitoras), 2 gerentes administrativas (idealizadoras do CEI) 2 profissionais operacionais como limpeza e cozinha, formando assim o quadro funcional do local.

Pode-se ressaltar o papel que a escola tem com instituição básica formadora e transformadora de indivíduo, em suas particularidades e também na coletividade.

O ser humano encontra nas distintas instituições um suporte e um apoio, um elemento de segurança, de identidade e de inserção social ou pertença. A partir do ponto de vista psicológico, a instituição forma parte de sua personalidade. (BLEGER, 1984)

Todo planejamento do ano é realizado pela equipe de coordenadores, professores, profissionais, sempre antes do início do ano e da abertura das matrículas, e este planejamento é realizado de acordo com o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), sendo que os objetivos

são flexíveis às necessidades de cada centro educacional, assim como premissa é seguido a LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação) guiadas pelas PCNs. Além dos planejamentos que acontecem no decorrer do ano letivo e também frente às necessidades diárias vivenciadas.

## 4 OBSERVAÇÕES E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 4.1 Descrição da observação do aluno 01 (X.)

**Sob o olhar do indivíduo: (X.)** 5 anos, gênero masculino, com bons aspectos de higiene e cuidados, demonstra ser uma criança saudável em aspecto físico e motores, quanto ao aspecto de desenvolvimento, ao que consta investigações neurológicas se iniciaram aos 2 anos de idade quando apresentou aspectos de baixa interação social já nesta idade, tendo assim laudo médico para TEA (suporte nível 1). (X.) não tem irmãos, seus pais apresentam conformidade com os cuidados à criança, aparentando afetividade e efetividade às necessidades da criança

**Sob o olhar acadêmico: (X.)** apresenta habilidades ainda em desenvolvimento para leitura, apresenta pouco afinidade para as questões lógico matemáticas, ao que demonstra e pouca de suas falas, pode ter inteligência naturalista em evidência, pois de acordo de sua idade acaba por apresentar hiperfoco em animais, plantas e assuntos astronômicos. Ainda precisa de desenvolvimento e ou/atividades mais produtoras em relação as necessidades acadêmicas de base como leitura e conhecimento dos números

6469

**Sob o olhar das afinidades: (X.)** apresenta sugestivas inclinações, como já citado em animais, plantas e assuntos astronômicos o que o leva a apresentar, como já esperado, desatenção a outros eventos, distraindo-se fácil das atividades propostas pelas professoras, e por (X.) abandona as atividades e vai até o “parquinho” sempre se distraindo com insetos como formigas e borboletas.

**Sob o olhar comportamental: (X.)** não apresenta irritabilidade, agressividade e/ou agitação, podendo estar relacionado ao seu nível de suporte, (X.) é dedicado e cooperativo em boa parte das atividades que tem interesse, acaba sempre por seguir as regras, mesmo que haja imprevistos, o mesmo não apresenta alterações ou demandas sensoriais intensas.

**Sob o olhar relações interpessoais: (X.)** tem pouco contato com os colegas de sala, o que não significa que não tenha nenhuma interação, pelo contrário, (X.) tem pequenas trocas de falas com professores e com poucos colegas, o contato é curto e pouco pessoal, porém é um avanço em relação aos relatos passados, no qual não interagiu no passado. As atividades propostas em grupo, tendem a fazê-lo participar, por vezes consegue realizar as atividades, desde que despertem seu interesse. Em uma visão geral, (X.) poderá com o estímulo correto desenvolver os aspectos

fundamentais da relação interpessoal, pois apresenta-se predisponente, de acordo com os relatos já houve avanços e o que se pode observar, não existe sintomatologias aparentemente intrínsecas associadas como impeditivas do desenvolvimento, o CEI e a família parecem entender esse processo e investir nos estímulos cada vez mais

#### 4.2 Descrição da observação do aluno 02 (Z.)

**Sob o olhar do indivíduo: (Z.)** 5 anos, gênero masculino, com bons aspectos de higiene e cuidados, demonstra ser uma criança saudável em aspecto físico e motores com leve percepção de baixa estatura para idade, porém não patológico, quanto ao aspecto de desenvolvimento, ao que consta investigações neurológicas se iniciaram aos 4 anos de idade quando apresentou aspectos de baixa interação social já nesta idade, tendo assim laudo médico para TEA (suporte nível I). (Z.) tem uma irmã e um irmão com idades superiores, seus pais apresentam afetividade e efetividade às necessidades da criança, mesmo que alguns aspectos não puderam ser observados.

**Sob o olhar acadêmico: (Z.)** apresenta habilidades reduzidas para leitura, cálculos, contação de histórias e sob percepção não demonstra nenhum interesse ou hiperfoco a quaisquer atividades, sejam elas lúdicas ou acadêmicas, assim segue sendo estimulado todo o tempo, professores com exceção de uma, sempre tendem a inclui-lo de todas as formas. Tal professora por vezes parece incomodada com o fato de “ter” que inclui-lo, porém não demonstra isso com outro aluno com mesmo diagnóstico uma vez que o trabalho com (Z.) é sem dúvidas mais desafiador. A criança realiza atividades com suporte e supervisão, mas não demonstra quaisquer interesses por elas, é possível perceber as dificuldades inseridas neste contexto para estimulá-lo, o que demanda tempo e paciência para os profissionais

6470

**Sob o olhar das afinidades:** como dito anteriormente (Z.) não demonstra interesses específicos ou afinitivos, sempre com uma postura de maior inércia, durante o período de estágio, não foi possível observar como seria os aspectos estimuladores dos pais, diga-se fora do ambiente escolar, o que seria importante e enriquecedor observar.

**Sob o olhar comportamental: (Z.)** por vezes apresenta irritabilidade com as mudanças não programadas como saídas da sala, ou formações de grupos, não chega a ficar agressivo, mas apresenta leve ansiedade e desconforto, pois é perceptível com os movimentos repetitivos das pernas e das mãos, além da respiração mais ofegante, ainda sobre esse aspecto, não foi verificado que essa mudança no comportamento pudesse ser um risco para si ou para outros. Professores

comentaram informalmente que já houveram situações de maior estresse, como saída da sala, como objetos serem jogados, mas sem eventos repetitivos, ou recorrentes.

**Sob o olhar relações interpessoais: (Z.)** tem pouco contato com os colegas de sala, o mesmo praticamente faz atividades (quando as faz) sozinho, com suporte de profissionais, quando o contato acontece é curto e totalmente pessoal, de acordo com relato houve pouco avanço em relação aos relatos passados uma vez que a criança tem diagnóstico recente de TEA. Em uma visão geral, (Z.) ainda precisaria de estímulo mais diretos para desenvolver os aspectos fundamentais da relação interpessoal, pois não existe sintomatologias aparentemente intrínsecas associadas como impeditivas do desenvolvimento, o CEI parece entender esse processo e investir nos estímulos cada vez mais, e não foi possível saber sobre os estímulos em casa, por falta de tempo/condição e/ou eventualidade para essa observação

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

A escola tem por característica ser um ambiente heterogêneo em seus diferentes valores e experiências, apresenta relações sociais e crenças que se fundem e por vezes tornam-se imperceptíveis a sociedade. Os profissionais que atuam neste emaranhado sociocultural precisam estar aptos para lidar com os indivíduos que pensam, comportam-se e sentem de formas diferentes.

6471

Para Freire (2008) a educação precisa ter um olhar inclusivo e visando a desenvolvimento de todos os alunos, sejam sem ou com necessidades especiais e para que isso ocorra é necessário que o ambiente tenha condições de promoção da equidade, ou seja, o objetivo da inclusão não é apagar das diferenças, mas sim o reconhecimento e valorização da individualidade de cada indivíduo. A inclusão deve acolher todos os sujeitos, a fim de exercerem seus direitos a educação e desenvolvimento.

Durante o período de estágio um dos transtornos o destaque foi o TEA (Transtorno do Espectro Autista), assim todo o relato de caso será pautado em definir esse transtorno e suas características. Uma das primeiras denominações sobre transtorno, surgiram na psiquiatria com Eugen Bleurer por volta de 1911 no qual o médico classificava o transtorno como a fuga da realidade e retraimento de adultos esquizofrênicos para o mundo interior (SANTOS, 2019).

Foi em meados da década de 1940 que KANNER (1943) descreveu algo semelhante ao que hoje chamamos de autismo, que do grego “auto” significa eu mesmo. Sendo esta



denominação inserida no CID (The International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problem) como uma forma de esquizofrenia associada a psicoses infantis

Já em sua décima revisão, o conhecido CID10, os transtornos globais do desenvolvimento foram classificados como um grupo de alterações qualitativas da interação social e das modalidades da comunicação, com repertório de interesses e atividades restritas e estereotipadas proposta na (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1998)

Antes da reestruturação e revisão da CID-11, propriamente no CID-10, o autismo apresentava tipos de classificação, sendo denominado Transtornos Globais do Desenvolvimento, o diagnóstico era formado por uma gama de divisões e sua nomenclatura numérica clássica:

- F84.0: Autismo Infantil
- F84.1: Autismo atípico
- F84.2: Síndrome de Rett
- F84.4: Transtorno de hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados
- F84.5: Síndrome de Asperger
- F84.8: Outros Transtornos globais do desenvolvimento
- F84.9: Transtornos globais não especificados do desenvolvimento

6472

Com a mudança e a nova classificação a partir da CID-11, hoje o autismo é classificado através de níveis (ou graus) sendo eles tipificados de 1 (um) a 3 (três), refletindo a necessidade de “suporte” que uma criança necessita para seu desenvolvimento.

- Nível 1 (LEVE): necessidade de pouco apoio.
- Nível 2 (MODERADO): necessidade moderada de apoio.
- Nível 3 (SEVERA): muita necessidade de apoio.

Importante realizar uma ressalva para o contexto, pois o autismo em suas denominações coloquiais: leve, moderado ou severo, fazem parte de linguagem facilitadora, a fim de tornar acessível a informações, pois a denominação deve ser em níveis de suporte e além dessa linguagem a mudança pelo CID-11 a pessoa passou a ser classificada pela necessidade de suporte de cada pessoa e a gravidade dos sintomas apresentados, no qual será melhor detalhado a seguir.

A CID-11 não é a única a classificar o TEA, é importantíssimo lembrar sobre a necessidade da denominação pelo DSM-V, que classifica o TEA como Transtorno do

Neurodesenvolvimento caracterizado pelas dificuldades de comunicação e interação e os comportamentos restritos e repetitivos, atualizando assim sua classificação que descrevia o autismo em tipo (Autismo Infantil, Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento Sem Definição Específica).

Foi com a mudança para o DSM-V que alguns termos deixaram de ser utilizados, um bom exemplo a ser citado, pode ser a Síndrome de Asperger que atualmente passa a ser identificado como “autistas com nível de necessidade de suporte 1”

Após todo o contexto de histórico, classificações e suas mudanças, para a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) em associação a American Psychiatric Association (APA, 2014) e de acordo com o DSM-V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o **TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA)** é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos.

Trata-se de um transtorno pervasivo e permanente, não havendo cura, ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas. Esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável e suas causas ainda em faces de investigação e pesquisa.

6473

Iniciado o assunto causa, para Bailey (1995) o TEA é causado por uma combinação complexa de fatores genéticos e ambientais e claramente não atuam sozinhos, ou seja, idade avançada do pai, negligência extrema dos cuidados da criança, exposições a certas medicações durante a gestação podem ser exemplos de outros eventos associados.

Halpern (2015) descreve as manifestações clínicas mais frequentes associadas ao TEA e também conhecidas como “comorbidades”, seguem algumas delas:

- Transtornos de ansiedade, incluindo as generalizadas e as fobias, transtornos de separação, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), tiques motores (de difícil diferenciação com estereotípias), episódios depressivos e com portamentos auto lesivos, em torno de 84% dos casos;
- Transtornos de déficit de atenção e hiperatividade em cerca de 74%;
- Deficiência intelectual (DI);
- Déficit de linguagem;
- Alterações sensoriais;

- Doenças genéticas, como Síndrome do X Frágil, Esclerose Tuberosa, Síndrome de Williams;
- Transtornos gastrointestinais e alterações alimentares;
- Distúrbios neurológicos como Epilepsia e distúrbios do sono;
- Comprometimento motor como Dispraxia, alterações de marcha ou alterações motoras finas

Diante do exposto vale ressaltar a importância do acompanhamento e tratamento, baseado sempre em intervenção precoce, uma vez que deve ser iniciada tão logo haja suspeita ou imediatamente após o diagnóstico. O tratamento que seria considerado ideal consiste no conjunto de modalidades terapêuticas que busquem aumentar o potencial do desenvolvimento social e de comunicação da criança, protegendo o funcionamento intelectual e reduzindo danos. A proposta sempre é a melhoria da qualidade de vida com autonomia. (HALPERN, 2015)

No mesmo contexto o autor Halpern (2015) diz sobre a importância de lembrar que cada criança com TEA tem suas necessidades individualizadas, que estão intimamente ligadas à sua funcionalidade, sua dinâmica familiar e recursos disponível, assim é preciso uma avaliação criteriosamente personalizada que permita o estabelecimento de um plano de intervenção voltado para cada uma das crianças.

6474

Após algumas definições importantes sobre o TEA e Baseado neste contexto é importante lembrar sobre os direitos do autista frente a esse plano de intervenções, uma delas em destaque é a inserção do autista na escola como já foi sinalizado, e é garantido por lei, mais especificadamente a lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012 através da Política Nacional de Direitos da Pessoa com transtorno do Espectro Autista, assegurando que nenhuma escola recuse a matrícula ou a frequência do aluno. Em caso de descumprimento da lei esta será punida com multas variáveis, pois encontram-se em caso tipificado como crime.

Segundo Gomes (2011) a escola precisa estar atenta ao processo de inclusão, organizando e estabelecendo o desenvolvimento de estratégias e intervenções que permitam a inserção desses indivíduos.

Além dos profissionais educadores, um profissional de destaque nessas estratégias e processos é o psicólogo escolar, capaz de inserir-se na elaboração e construção de recursos psicopedagógicos que auxiliem todos os envolvidos nas atividades necessárias da instrumentalização dos educadores e do desenvolvimento acadêmico do aluno, além, claro, do

suporte às famílias no acolhimento e conscientização de todos os integrantes da escola sobre o respeito às diferenças (GOMES; SOUZA, 2011).

Andrada (2005) relata que durante muito tempo o trabalho do psicólogo escolar, estava pautado no modelo clínico, ou seja, os instrumentos de trabalho, era principalmente, as testagens, direcionada em geral a medição de capacidade dos alunos, que por muitas vezes acabava por excluir os que resultavam como “inaptos”. Com o passar os anos, a atuação desses profissionais foram se modificando com a quebra de paradigmas e estigmas pois o principal objetivo dos psicólogos sempre foi considerar o indivíduo antes de suas capacidades. Assim a responsabilidade pelas debilidades e fracassos do processo educacional foi removido dos alunos e passou a ser pensada em como adaptar a escola para um desenvolvimento efetivo do aluno.

A inclusão do autista na escola, deve considerar a importância da inclusão, frente aos demais alunos, fazendo-os participar das atividades, brincadeiras entre todas as outras ações que uma criança vivencia, afim de que ela seja não apenas inserida em grupos, mas que seja aceita como igual (CHICON, 2016)

Para fins de entendimento, Maia (2016) descreve a importância de oferecer um acolhimento adequado aos alunos e também seus familiares. Isso pode facilitar o enfrentamento ao detrimento que um diagnóstico possa gerar. A chave fundamental para um indivíduo autista é o casamento entre acolhimento e inclusão

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular supervisionado em Psicologia realizado no Centro Educacional Infantil (CEI), não apenas promoveu uma mudança de paradigmas nos estagiários mas também permitiu a imersão enriquecedora no ambiente educacional, além de aumentar a compreensão mais abrangente das práticas pedagógicas e das dinâmicas sociais em relação ao desenvolvimento infantil, assim o foco principal foi a observação e interação frente aos processos complexos de inclusão de alunos com transtornos do desenvolvimento, com ênfase no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Durante o período de estágio, foi possível participar, ou melhor, experimentar diretamente a rotina e atividades desenvolvidas pelos professores, a interação e condutas dos pais e demais profissionais da instituição que tem como filosofia educacional o desenvolvimento integral da criança e a promoção da inclusão, e demonstrou por diversas vezes (durante o período de estágio) ser um ambiente favorável as políticas de inclusão ao aluno com TEA

A metodologia de observação participante revelou-se como uma ferramenta valiosa para a compreensão da complexidade que é ambiente escolar, permitindo uma imersão nas atividades cotidianas do centro educacional e facilitando a identificação principalmente dos desafios dos alunos com TEA. Através dessa abordagem, foi possível observar de perto as estratégias pedagógicas e de intervenção utilizadas pelos profissionais da instituição, bem como sua eficácia na promoção da inclusão e no desenvolvimento das habilidades dos alunos.

A fundamentação teórica, forneceu um leque de possibilidades conceitual para a compreensão do TEA e das melhores práticas de intervenção, assim foi possível compreender a importância da intervenção precoce e individualizada, que leve em consideração as necessidades específicas de cada um, visando seu desenvolvimento global e sua plena participação na vida escolar e social.

Destaca-se, ainda, o papel fundamental do psicólogo escolar como mediador e facilitador da inclusão, atuando não apenas na identificação e diagnóstico dos alunos com TEA, mas também na elaboração e implementação de estratégias de apoio e acompanhamento, tanto para os alunos quanto para suas famílias e os demais membros da comunidade escolar, ou seja, a atuação colaborativa e interdisciplinar do psicólogo é essencial para promover um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados e respeitados, principalmente em suas diferenças.

6476

Em síntese, o estágio curricular supervisionado trouxe aos estudantes de psicologia uma experiência enriquecedora e imensamente transformadora, não apenas para os estagiários, mas também para a instituição de ensino que acolheu e compreendeu a necessidade auxiliar no processo de formação de novos profissionais.

Ao promover uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais e a inclusão dos alunos com TEA, o estágio e o trabalho dos envolvidos contribuiu para o aprimoramento da formação profissional em Psicologia e claro, para o fortalecimento de uma cultura mais inclusiva e respeitosa, vale ressaltar que a valorização da diversidade e o compromisso com a equidade devem ser os princípios de uma educação verdadeiramente humanizada.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2014

ANDALÓ, Carmem Sílvia de Arruda. O Papel do Psicólogo Escolar. Psicologia, Ciência e Profissão, s.n.t

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. Universidade Federal de Santa Catarina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), pp.196-19.2005Artemed.

BAILEY A, Le Couteur A, Gottesman I, Bolton P, Simonoff E, Yuzda E, et al. Autism as a strongly genetic disorder: evidence from a British Twin study. *Psychol Med*. 1995

BLEGER, José. *Psicologia Institucional*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1984.

BOCK, A. M. B. (2003). A psicologia hoje: formação, ciência e profissão. In I. B. Leão (Org.), *Educação e psicologia: reflexões a partir da teoria sócio-histórica* (pp. 13-24). Campo Grande: Editora UFMS

CHICON, José Francisco et al. Educação Física e Inclusão: A mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. Movimento Revista da Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre

FACCI, M. G. D. (2008). *Notas sobre o I Encontro Regional de Psicologia Escolar e Educacional*. Campo Grande: CRP/14ª Região, MS/MT

FREIRE, Alane Novais; AIRES, Januária Silva. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho.55-60. 2012

GOMES, Cláudia; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan. Educação, Psicologia Escolar e Inclusão: Aproximações necessárias. *Rev. Psicopedagogia*; vol. 28. Nº86: 185-93. 2011

6477

HALPERN R. Transtorno do espectro autista. In: *Manual de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento*. Barueri, SP: Manole; 2015

KANNER L. Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*. 1943

MAIA, Fernanda Alves et al . Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. *Cad. Saúde colet.*, Rio de Janeiro , v. 24, n. 2, p. 228-234, jun. 2016

MAY, T. *Pesquisa social. Questões, métodos e processos*. 2001. Porto Alegre,

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID 10*. 10a. ed. São Paulo: Edusp; 1998

ROCHA, E. A. C. (1999). *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. Florianópolis: UFSC

SANTOS, S.A. *Transtornos globais do desenvolvimento*. Curitiba: Intersaberes, 2019. Série Pressupostos da Educação Especial, 2019

URT, S. da C. (2006). *A psicologia e a(o) professor(a) de educação infantil*. Consórcio Pró-Formar/SED/MEC. Cuiabá: Editora UFMT